


ALBERTO NERY



**A VIDA
SEMPRE
TEM UM
SENTIDO
?**

**COMO ENCONTRAR
SIGNIFICADO NOS ALTOS E BAIXOS
DA SUA JORNADA**

SEU JORNADA PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

PAIDÓS

ALBERTO NERY

A VIDA
SEMPRE
TEM UM
SENTIDO
?

COMO ENCONTRAR
SIGNIFICADO NOS ALTOS E BAIXOS
DA SUA JORNADA

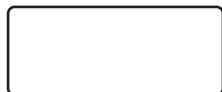
Copyright © Alberto Nery, 2023
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Todos os direitos reservados.

Preparação: Ana Maria Fiorini
Revisão: Renata Miloni e Ricardo Liberal
Projeto gráfico e diagramação: Dimitry Uziel
Capa: Cristina Gu
Ilustração de capa: Henri Campeá

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Nery, Alberto A vida sempre tem um sentido? / Alberto Nery. – 1. ed. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2023. 176 p. ISBN: 978-85-422-2205-0 1. Psicanálise 2. Frankl, Viktor E. (Viktor Emil), 1905-1997 I. Título 23-1843 CDD 150.195
--

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicanálise



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	7
1	TRAGÉDIA ANUNCIADA	13
2	BENJAMIN	26
3	<i>EXPERIMENTUM CRUCIS</i>	39
4	VIRAR AS COSTAS PARA VIENA?	55
5	UM SENTIDO PARA A VIDA	64
6	O QUE É O HOMEM?	88
7	UMA RESPOSTA AO SOFRIMENTO	103
8	O LOGOS É MAIS PROFUNDO DO QUE A LÓGICA	126
9	APOLOGIA DA PAZ	145
	NOTAS DE FIM	169

TRAGÉDIA ANUNCIADA

Será que também desta festa mundial da morte, e também da perniciosa febre que inflama o céu da noite chuvosa, ainda surgirá o amor?

Thomas Mann, em *A montanha mágica**

“Um texto fora do contexto é um pretexto.” Perdi a conta de quantas vezes ouvi essa frase dita pelo meu professor de grego e crítica textual no seminário teológico. Não aprendi tão bem o grego, mas, em compensação, aprendi que conhecer o contexto dos fatos e as circunstâncias das pessoas neles envolvidas é condição necessária para uma boa prática de pesquisa e atuação na psicologia.

O contexto é um requisito fundamental para a compreensão das diferentes situações em que a vida e a história acontecem. Por isso, faz-se necessário, antes de apresentar ao leitor qualquer proposta sobre a reflexão a respeito do sentido da vida na contemporaneidade, fazermos uma breve viagem no tempo, a fim de compreendermos o contexto no qual essas ideias se desenvolveram. A cidade de Viena no início do século 20 é o nosso destino.

*MANN, Thomas. *A montanha mágica*. Trad. Herbert Caro. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Na virada do século 19 para o 20, a atmosfera que reinava na Europa era de grande otimismo, associado a uma firme esperança no contínuo progresso humano. As grandes descobertas e evoluções científicas e tecnológicas do século 19, além do surgimento de novas ideologias, ajudaram a fazer do nascer do século 20 “uma aurora resplandecente”, um período no qual a esperança de um futuro promissor foi maior do que em qualquer outro momento da nossa história.¹ De maneira geral, o mundo e a sociedade deparavam-se com uma grande oportunidade de florescimento. No contexto euro-americano, era notável o aumento da expectativa de vida, bem como a melhoria de suas condições, à medida que a fome e as guerras diminuía e ideias como democracia e promoção da liberdade se popularizavam.² Não por acaso, chamamos esse breve período da nossa história recente de *Belle Époque*.

Viena era uma das grandes capitais europeias nesse período. Um lugar capaz de despertar em qualquer amante da música, das belas-artes ou da psicologia uma curiosidade especial. O fato de ter sido palco do surgimento de tantos gênios da arte e da ciência nos chama a atenção. Por que justamente lá? Como se diz na linguagem popular, o que havia de diferente na “água que eles bebiam”?

A realidade é que, embora a água do Danúbio não tivesse nenhum elemento singular que favorecesse o desenvolvimento artístico e intelectual de sua população, outros fatores nos ajudam a compreender o que havia de especial naquele local. Eric Weiner ressalta que “a virada do século ocorre em meio a uma explosão muito mais ampla de genialidade que atingiu todas as

áreas imagináveis – ciência, psicologia, arte, literatura, arquitetura e filosofia”³ e que, nesse contexto, se existe um lugar que pode reivindicar o título de Berço do Mundo Moderno, esse lugar é Viena.⁴

O estilo de vida do século 20, que adentrou os nossos dias em muitas de suas características, é fortemente marcado pelo que foi vivido e criado em Viena naquele período. Havia uma espécie de energia intelectual e artística disseminada por toda a cidade, e foi nesse ambiente que surgiu “muito daquilo que consideramos bom e moderno, da arquitetura à moda, da tecnologia à economia”. As raízes da modernidade podem ser encontradas “nas ruas elegantes, sinuosas e fervilhantes da Viena da virada do século”.⁵

Uma das principais cidades da Europa no início do século 20, Viena era uma capital que encarnava bem o espírito da época. Sua população já havia ultrapassado 1,3 milhão de pessoas na última década do século 19.⁶ É sobretudo nos vinte anos compreendidos entre cerca de 1890 e 1910 que surge e se consolida aquilo que posteriormente foi chamado de *Wiener Moderne*, ou “modernidade vienense”.

Uma das peculiaridades da cidade é que somente a metade dos seus habitantes era natural dali, o que fazia de Viena um proeminente polo multicultural. Um verdadeiro caldeirão: de povos, de culturas e de ideias. Era também um local com um custo de vida muito elevado, o que obrigava boa parte da sua população a viver em moradias pequenas e, muitas vezes, sem aquecimento. Isso favorecia uma vida urbana que era centrada em lugares públicos.

Que tal um bom café?

Nenhum desses lugares públicos era mais popular do que os cafés. Muito antes de a Starbucks dominar o mundo, as cafeterias de Viena já haviam ajudado a criar a cultura de se apreciar um bom café acompanhado de uma fatia de *cremeschnitte* – uma tradicional torta vienense – enquanto se buscava ficar bem informado das novidades. Em tempos nos quais nem se imaginava o surgimento da internet e do Wi-Fi, os cafés de Viena disponibilizavam jornais para que seus frequentadores se atualizassem das últimas notícias. Eram lugares democráticos, aonde as pessoas iam para ouvir as notícias e opiniões correntes e para trocar ideias sobre elas.

Era comum que os frequentadores tivessem seus lugares cativos nos seus cafés preferidos. Sabemos, por exemplo, que Gustav Klimt e outros artistas eram frequentadores do Café Sperl. Freud, por sua vez, era um *habitué*, assim como outros intelectuais, do Café Landtmann. Já Adler gostava de reunir seus pupilos no Café Siller. Infelizmente, porém, nem só de cafés, tortas, arte, ciência e filosofia se alimentavam os moradores de Viena.

O antissemitismo era um movimento político e ideológico que se confundia com a própria história de Viena e, no início do século 20, se renovava e ganhava muitos adeptos. Um deles era o jovem Adolf Hitler, vindo do interior em 1907.⁷ A relação do antissemitismo com seu resultado macabro algumas décadas mais tarde, bem como a maneira como afetou a vida e as ideias do personagem principal deste livro, nos leva a um mergulho mais profundo

nessa particularidade da história. Mais do que isso, vivemos em tempos nos quais o estudo e a constante lembrança dos fatos e do contexto que tornaram o Holocausto possível precisam ser lembrados sempre, a fim de que não se repitam.

Os judeus em Viena

A compreensão da história da presença dos judeus em Viena é de fundamental importância para entendermos a perseguição que irrompeu no século 20. Os campos de concentração e as câmaras de gás não surgiram de um dia para o outro, mas, como veremos, representam o auge de um sentimento de ódio que atravessou séculos, cujas raízes extrapolam os limites da racionalidade e que encontrou na doutrina nazista sua expressão mais aguda e acabada.

Remontando ao início dessa história, as primeiras evidências da chegada dos judeus em Viena datam da colonização da região pelo Império Romano. Desde o século 5, no entanto, há indícios de uma presença maior de viajantes e comerciantes judeus na região. No século 12, já existiam duas sinagogas em Viena. Como em boa parte da Europa, o sentimento de aversão aos judeus se instaurou de forma mais intensa a partir da Alta Idade Média, quando a vida deles passou a ser afetada pelo ódio, pela violência e pela discriminação.

Ao final do século 13, uma comunidade com cerca de mil judeus já vivia na cidade. Perseguições, expulsões e confisco de bens e recursos financeiros eram situações comuns e que se repetiam de quando em quando. No período em que a peste negra assolou a Europa, o antissemitismo se

intensificou, pois os judeus eram comumente responsabilizados pela epidemia, o que serviu de justificativa para um sem-número de perseguições.

Uma das maiores perseguições registradas aconteceu no século 15. Em 1420, judeus foram presos, torturados e executados, mas oitenta deles conseguiram se refugiar na sinagoga Or Zarua, na Praça dos Judeus. Durante três dias, foram cercados e acabaram morrendo por falta de água e alimentos. Depois disso, poucos judeus permaneceram na cidade e, no decorrer dos séculos 15 e 16, sua presença foi pequena, vivendo sempre sob ameaça e sem usufruir de direitos. Na obra *Sobre os judeus e suas mentiras*, escrita em 1543, o teólogo protestante Martinho Lutero defende a perseguição aos judeus, bem como a apropriação de seus recursos financeiros. Embora tenha divergido em outras questões teológicas, nesse aspecto o reformador permaneceu alinhado com o pensamento religioso da época, que se popularizou de forma precoce no cristianismo e atravessou os séculos. O texto que tempos depois foi evocado pela alta liderança nazista certamente não é a causa principal da repulsa aos judeus dominante na época, mas é simbólico por dar testemunho de como, entre os povos germânicos, já pairava um espírito antijudaico, que se estenderia pelos séculos seguintes.^{8,9}

Em 1670, os judeus foram novamente expulsos de Viena, então pelo imperador Leopoldo I. Há indícios de que entre 3 e 4 mil judeus foram banidos e tiveram suas propriedades confiscadas. Por fim, o imperador autoriza os judeus a viverem numa área mais afastada, onde posteriormente se organizou o atual bairro de Leopoldstadt.¹⁰ O lugar, cercado por um muro, foi chamado de Judenstadt,

isto é, “cidade dos judeus”. Para poderem viver ali, pagavam altos impostos tanto ao governo da cidade como ao Tesouro imperial. Por um breve período, desfrutaram de relativa liberdade e construíram uma sinagoga.

Ao final do século 17, os judeus mais abastados foram convidados a regressar a Viena, sob o título de “indivíduos tolerados”. Ainda assim, a população se restabelece com um número menor de indivíduos, que precisam pagar uma quantia inicial muito alta para poderem se fixar na cidade, além de um elevado imposto anual. Seus direitos são limitados, não podem circular por toda a cidade e nem possuir imóveis.

Sob a liderança de José II, um governante influenciado pelos ideais iluministas, a situação dos judeus passa por mudanças significativas. Em 1781, José II aboliu o uso do distintivo amarelo nas roupas e um imposto específico para judeus. No ano seguinte, emitiu o “Édito de Tolerância” (Toleranzpatent), mediante o qual os judeus passaram a ser autorizados a frequentar a universidade, exercer determinadas profissões e circular pela cidade livremente. Apesar disso, o uso do iídiche e do hebraico seguiu proibido, os judeus eram obrigados a germanizar seus nomes e ainda não podiam adquirir imóveis.

No século 19, durante a era napoleônica, direitos relevantes foram conquistados pelos judeus em toda a Europa. Sob a influência de importantes famílias, a questão judaica foi trazida à tona e esforços foram feitos para a manutenção dessa população. Embora severas restrições ainda permanecessem, em 1811, foram autorizados a instalar uma Betstube, uma sala de orações em suas casas. Alguns anos

mais tarde, em 1824, são autorizados a construir uma nova sinagoga, algo que estava proibido desde 1671.

Entre avanços e retrocessos na conquista dos seus direitos, em 1867, sob o governo do imperador Francisco José, os judeus do Império Austro-Húngaro foram finalmente emancipados. Isso serviu como incentivo para que a população judaica de Viena aumentasse em grande número, devido à imigração de judeus de outras regiões do Império. Em 1846, contavam-se 3.739 judeus na cidade; oito anos mais tarde, esse número já alcançava cerca de 15 mil pessoas.

A partir da segunda metade do século 19, houve uma grande expansão na economia e na indústria do Império Austro-Húngaro. Agora livres de restrições, os judeus assumiram papéis importantes nos negócios, na indústria e nas profissões liberais. Muitas instituições assistenciais foram criadas nesse período, como o Hospital Rothschild. A população judaica continuou crescendo, atingindo 40,2 mil pessoas em 1870 e cerca de 147 mil na virada do século, o que representava mais de 10% da população da cidade.

No final do século 19, entretanto, a cidade de Viena foi tomada pela onda social-cristã, um movimento ideológico propagado por Georg Ritter que se apoiava num forte antissemitismo, em conjunto com um novo tipo de nacionalismo: o pangermanismo.

Em 1897, depois de ter resistido por dois anos, o imperador Francisco José ratificou o antissemita Karl Lueger, líder do Partido Social Cristão, como prefeito. A gestão de Lueger deu início a uma década que combinou muitos fatores, dentre os quais se destacava o clima de antissemitismo. Lueger

se apoiava nas tendências antiprogressistas e antijudaicas das classes média e baixa de Viena, e fez desses discursos a sua proposta política. Seu governo durou até 1910, e a tônica desses dias serviu como prenúncio da desgraça que se anunciava para os judeus, e que se confirmou de forma mais concreta em 1938.

Diante de tal contexto histórico, político e social, a situação dos judeus em Viena era um tanto quanto paradoxal. Se, por um lado, havia uma tensão permanente e o receio de que as perseguições que marcaram a história da cidade se intensificassem a qualquer momento, por outro, crescia a importância dos judeus na vanguarda da cena artística, científica e econômica.

Havia uma grande explosão de genialidade na cidade, e, para Eric Weiner, autor da obra intitulada *Onde nascem os gênios*, a presença dos judeus em Viena foi um dos fatores que proporcionaram a efervescência desse momento histórico. Sua tese está em acordo com um fato peculiar no Império Austro-Húngaro e que se reproduzia também na constituição da população plural de Viena. Embora metade das pessoas fosse oriunda de outros povos, uma pequena parcela se destacava no campo intelectual. Apesar de serem uma parcela menor da população, compreendiam mais da metade dos médicos e advogados, quase dois terços dos jornalistas e um número desproporcionalmente alto de gênios criativos da cidade, como o escritor Arthur Schnitzler, o compositor Arnold Schoenberg, o filósofo Wittgenstein e o próprio Freud.¹¹

Apocalipse alegre

A situação de precariedade dos judeus era apenas um dos ingredientes de uma sociedade que vivia à beira do caos. O contexto político e social conturbado e a fecundidade cultural na Viena do final do século 19 levaram o dramaturgo Karl Kraus a chamar a cidade de “laboratório de fins de mundo”, enquanto o escritor Hermann Broch a definiu como um “apocalipse alegre”. Por mais contraditória que pareça, a expressão de Broch era uma síntese apropriada para descrever a capital do Império Austro-Húngaro, onde, por um lado, o cenário político tenebroso e polarizado levava a crer que a cidade estava à beira de um colapso, mas, por outro, o desenvolvimento cultural, artístico e intelectual avançava de vento em popa.

Os contrastes da cena vienense também se manifestavam em muitas capitais europeias. O celebrado humanismo tinha o antissemitismo como contraponto. As descobertas científicas que proporcionavam o desenvolvimento tecnológico e industrial soavam como vozes dissonantes em meio ao conservadorismo da corte dos Habsburgo, e a ebulição artística e criativa se opunha a um regime monárquico em decadência. Esse caldeirão de ideologias e tendências produziu desdobramentos que impactariam o início da Primeira Guerra Mundial e continuariam ecoando até a ascensão nazista na Áustria.

Nada ilustra melhor essa pluralidade e a consequente tensão provocada por ela do que o fato de que Stalin, Trótski, Hitler e Freud viveram em Viena na mesma época.¹² É possível, inclusive, que tenham se cruzado em alguma esquina ou em um dos cafés da cidade. O fato é que as

ideias que saíram da Viena desse período ajudaram a moldar o *zeitgeist* do mundo contemporâneo.

Nessa época, o Império Austro-Húngaro era um caleidoscópio de etnias e culturas, e conflitos e movimentos emancipatórios eram constantes. A Bósnia, anexada oficialmente ao Império em 1908, era um desses locais de grande instabilidade. Além das questões étnicas, a pluralidade religiosa – com católicos, protestantes, cristãos ortodoxos e muçulmanos – tornava o clima ainda mais preocupante. Entre os jovens, muitos não se conformavam com a anexação e cultivavam o ideal de recuperar a independência do país. Gavrilo Princip era um deles. Em 28 de junho de 1914, participou do atentado terrorista planejado pela organização nacionalista Mão Negra e assassinou Francisco Ferdinando, herdeiro do Império Austro-Húngaro, e sua esposa, Sofia, que faziam uma visita a Saraievo, capital da Bósnia.¹³

Como o leite que chega ao seu ponto de fervura, o caldeirão de conflitos e tensões que era o Império Austro-Húngaro chegou também ao seu ponto de ebulição. Os grandes impérios europeus acompanharam a escalada da tensão e a Primeira Guerra Mundial foi o resultado. Entre 28 de julho de 1914 e 11 de novembro de 1918, seis impérios ou potências coloniais entraram em choque: Reino Unido, França, Rússia, Alemanha, o Império Austro-Húngaro e o Império Otomano. Cerca de 20 milhões de homens foram mobilizados no começo da guerra em 1914, um número que aumentaria pouco a pouco até chegar próximo aos 60 milhões. O saldo do conflito é de cerca de 9 milhões de combatentes mortos e outros 20 milhões feridos.¹⁴

Além dos conflitos diretos entre os protagonistas da disputa, a Primeira Guerra serviu como pano de fundo para o genocídio de um milhão de armênios, massacrados pelo Império Otomano, e para uma guerra civil que eclodiu na Rússia, pondo fim ao regime czarista e marcando o início do projeto socialista. Para piorar o quadro, a carnificina da guerra veio acompanhada da “gripe espanhola”, que deixou pelo menos 20 milhões de mortos na Europa. Anos depois, o capitalismo enfrentaria sua maior crise e o *crash* da bolsa de Nova York é acompanhado da chamada Grande Depressão, que empurrou boa parte do mundo para uma situação de precariedade cujos desdobramentos políticos e sociais se estenderam por anos.

Se o século 20 iniciou com uma crença inabalável no desenvolvimento da humanidade, suas primeiras décadas revelaram um quadro desolador. Epidemia, guerras, crises humanitárias e econômicas, genocídios. O cenário era tenebroso. No contexto de todas essas tragédias, não seria um absurdo afirmarmos que, além dos milhões de mortos e feridos, as grandes vítimas desses acontecimentos foram o otimismo emergente do início do século e a crença no mundo ocidental de que a humanidade havia finalmente alcançado um estado de progresso, alavancado pelas descobertas científicas e tecnológicas.

Em pouco mais de vinte anos, o século mais promissor da era moderna já se transformara no mais miserável e sinistro. O ser humano mostra que a face maligna de sua natureza está mais evidente do que nunca. Esse cenário é fundamental para a compreensão da escalada da perversidade que se instaura e de suas consequências na vida do

protagonista da nossa história. Diante de uma realidade tão devastadora, quem em sã consciência acreditaria, a essas alturas, que a vida pudesse ter qualquer sentido?

PAIDÓS